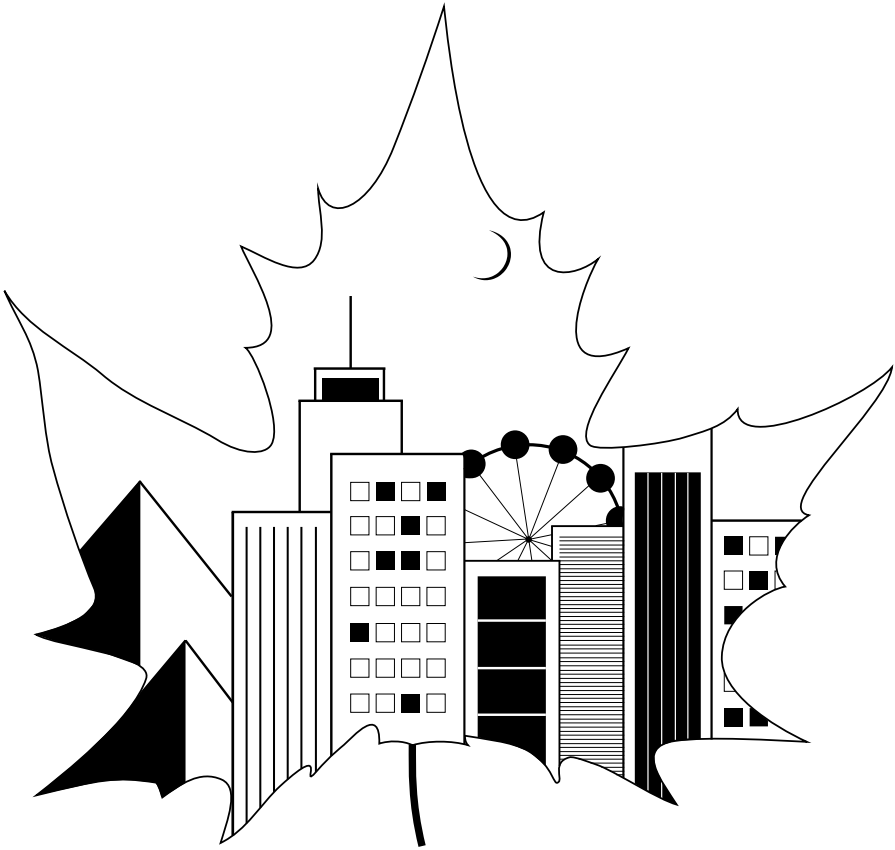
Ninguém, o meu nome é Ninguém. O grande Polifemo coçava a cabeça em sinal de espanto e incompreensão. Ninguém?! Como te podes chamar Ninguém? Tu és alguém e essa condição necessita de um nome próprio, distintivo, um nome pelo qual te possa chamar e tu possas responder. A brutalidade do grande Ciclope de nada lhe servia face ao engenhoso plano de Ulisses. Garanto-te que sou Ninguém. Por certo já terás ouvido das minhas aventuras, sou o famoso Ninguém que cruza os sete mares desafiando o destino. A história parecia legítima e a oferta daquele sublime vinho servia o propósito de garantia. Irei comer-te de qualquer das formas, mas fá-lo-ei depois de me saciar com os teus companheiros. A fábula que me contas e o néctar que me trazes dão-te o privilégio de mais alguns minutos no mundo dos vivos.

Ninguém, Ninguém quis-me matar!

AUTOR:

EXEMPLAR Nº:



OUTONO PRIMÁRIO

MARA SILVÉRIO

OUTONO PRIMÁRIO

MARA SILVÉRIO

LIVROS DE ONTEM

Por que continuo a escrever para o vazio onde as palavras ecoam.
Já não há ninguém para me receber, mesmo quando me esqueço de ser infeliz.

I

SOBRE AS PEDRAS DESÇO DA MONTANHA ATÉ AO MAR

Prelúdio

A noite põe-se fria.
Saio ainda com a *moleskine* contra o peito,
como quem sustém firmemente uma ideia
que está agarrada a nós e teima em não sair.
É como um filho, um imaculado brotar de significados
amparado numa certeza sem sentido.

O que vive entre mim e os outros.
O que vejo a partir daqui.

O passo é acelerado em direção à certeza das rotinas
e aos horários entrelaçados em outro tempo.
Sobre o qual tento compreender porque existe,
se o perco inevitavelmente, não o vendo
nem sentindo.
Nesta escuridão não consigo pensar em mais nada,
tudo é vago, humedecido e sem cor.

Desejava nestes momentos
poder entregar as minhas incertezas a alguém,
confiar os meus medos em algo mais sólido do que eu.
Hoje já perdi as forças. Talvez também a esperança.